

Efeitos da Idade, Sexo e Nível Sócio-Cultural no Auto-Conceito (*)

FRANCISCO PEIXOTO (**)
LOURDES MATA (***)

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos muitos trabalhos têm surgido sobre o auto-conceito, tentando estudar vários aspectos como a sua estrutura organizativa, as diferenças individuais, o seu desenvolvimento, e também o papel do auto-conceito em vários aspectos da vida quotidiana, como as relações pais/filhos (Coopersmith, 1981), a sua influência no contexto educativo, sucesso académico, modo de funcionamento da classe, etc. (Burns, 1988; Cornell et.al., 1990; Hoge et.al., 1990; Marsh, 1992; Marsh & Gouvenet, 1989).

É nosso objectivo com este trabalho tentar clarificar alguns destes aspectos, nomeadamente quanto às diferenças individuais e alguns aspectos do desenvolvimento, para a população portuguesa.

1.1. *Desenvolvimento do Autoconceito*

É do consenso geral de vários autores (Burns, 1988; Harter, 1989) que o desenvolvimento do Auto-conceito não ocorre a partir de um certo momento. Cada pessoa tem múltiplas concepções sobre si e é razoável crer que a criança se apercebe de diferentes características, em graus

diferentes de clareza, ao longo do seu desenvolvimento. Este facto pode ser justificado pela evolução e riqueza das suas vivências, que se vão diversificando e complexificando à medida que ela cresce, pois o leque de pessoas com quem vai interagindo vai aumentando (amigos, colegas, professores), sendo as interações sociais, segundo alguns autores (Mead, 1934; Cooley, 1902, cit. Burns, 1988), o factor principal na formação do *self* de um indivíduo. Por outro lado as suas próprias experiências vão-se diversificando e o sujeito vai-se apercebendo como reage e se comporta em novas situações.

Um outro elemento que vai certamente influenciar a evolução do auto-conceito com a idade, tem também a ver com as características das auto-descrições das crianças, que se vão tornando mais complexas e subtis, devido à evolução das suas capacidades de observação e de abstracção. W. James (1890, cit. Rogers, 1982) foi um dos primeiros teóricos a debruçar-se sobre este aspecto. W. James (op. cit.) considera o *self* global simultaneamente «Me» e «I». O «I» é o sujeito que conhece, que observa, enquanto o «Me» é o sujeito objecto, alvo das auto-percepções. Assim o que cada pessoa sabe sobre si própria, seria resultado das características do «Me» e do «I».

Susan Harter (1985, 1989) tem sido um dos investigadores a direccionar parte do seu trabalho para o estudo e caracterização do desenvolvimento e da diversificação das auto-percep-

(*) Comunicação apresentada no VII Colóquio de Psicologia e Educação, ISPA, Lisboa, Novembro de 1992.

(**) Assistente, ISPA.

(***) Assistente, ISPA.

ções dos sujeitos. As conclusões de alguns dos seus trabalhos (Harter & Pink, 1984, cit. Harter, 1989) apontam no sentido de que dos 4 aos 7 anos as crianças fazem já auto-julgamentos sobre 4 domínios: competência cognitiva, competência física, aceitação social e conduta comportamental. Estas 4 dimensões já são, assim significativas para crianças novas embora nem sempre exista uma diferenciação nítida entre elas. Segundo estes autores, as crianças destas idades ainda não conseguem fazer julgamentos sobre o seu auto-valor, o que não quer dizer que não desenvolvam sentimentos sobre o seu valor enquanto pessoas.

Uma posição de certa forma diferente assumem outros autores (Marsh, Craven & Debus 1991), afirmando que crianças com menos de 8 anos de idade conseguem diferenciar claramente várias áreas do Auto-conceito, e que é possível medir um auto-conceito geral por uma escala. Contudo este auto-conceito geral não seria o resultado de uma integração sistemática dos auto-conceitos específicos, mas reflectiria uma integração não sistemática de domínios específicos do auto-conceito, que oscilariam consoante a disposição ou acontecimentos particularmente salientes.

Depois destas idades a estrutura do auto-conceito sofre algumas alterações, já que mais domínios se vão diferenciando e surge a capacidade, segundo Harter (1989), de se fazerem auto-julgamentos sobre o seu valor. Assim, para as crianças dos 8 aos 12 anos já se diferenciam 5 domínios nos seus auto-julgamentos (Harter, 1982, 1985, 1989): Competência Escolar, Competência Atlético, Aceitação Social, Aspectos Comportamentais e Aparência Física. Como é de prever, durante a adolescência vai-se verificar ainda uma maior discriminação nos domínios alvo de auto-percepções.

Cada um dos domínios pode ter importâncias diferentes para os sujeitos e conseqüentemente pesos diferentes nos seus julgamentos de auto-valor global. A influência dos diferentes domínios vai depender não só das vivências dos sujeitos e das suas características individuais, mas também da sua idade.

Vários autores nos seus trabalhos, têm evidenciado a importância dos aspectos físicos nas auto-percepções de si como pessoas, em crianças muito novas, voltando novamente este elemento

a ter um peso considerável na adolescência (Burns, 1988; Harter, 1985; Harter, 1989). Harter (1989) aponta mesmo este domínio como o de maior contribuição para o auto-valor global das crianças dos 8 aos 15 anos, voltando a encontrar valores altamente significativos em estudantes universitários.

Por outro lado Harter (1989) verificou que os julgamentos que as crianças muito novas fazem, são normalmente elevados, mostrando assim uma tendência para inflacionarem o seu sentimento de competência. Outros trabalhos (Morse, 1964; Brookover et al., 1965, cit. Ramos da Silva, 1988) têm apontado no sentido de um decréscimo gradual nas auto-percepções com o aumento da idade. Brookover et al. (op. cit.) constataram este aspecto no que diz respeito à imagem escolar, que segundo estes autores, se torna menos positiva com o aumento da escolaridade.

Apesar da variedade de trabalhos realizados nesta área, Marsh (1989) considera que são evidentes os efeitos da variável idade no auto-conceito. Segundo este autor há um decréscimo ao longo da pré-adolescência e um aumento sistemático do auto-conceito, no final da adolescência e início da idade adulta. Contudo as generalizações com base nos diferentes estudos realizados, nem sempre são fáceis, devido aos múltiplos aspectos neles abordados, já que nalguns a ênfase é colocada no auto-conceito geral, enquanto noutros em auto-conceitos específicos.

1.2. *Auto-conceito e Sexo*

A influência do sexo, tem sido outra variável estudada nos diferentes trabalhos realizados sobre o auto-conceito não sendo os resultados encontrados totalmente concordantes (para revisão ver Ramos da Silva, 1988) quanto ao modo como estas duas variáveis estão associadas. Wylie (1979, cit. Marsh, 1989) num trabalho com indivíduos de ambos os sexos e de várias idades concluiu não existirem diferenças no auto-conceito global entre ambos os sexos, seja qual for o nível etário considerado. Sugere, no entanto, que essas diferenças possam existir em componentes específicas do auto-conceito e que se diluam no resultado global.

Corroborando esta hipótese, Marsh (1989;

QUADRO 1
Distribuição da amostra por idade e ano de escolaridade

	3º ANO	4º ANO	5º ANO	6º ANO
Sexo Masculino	52	49	84	88
Sexo Feminino	57	69	90	97
TOTAL	109	118	174	185

Marsh et. al., 1991) não encontra diferenças significativas para o Auto-conceito Global entre rapazes e raparigas, verificando-se essas diferenças em aspectos específicos do auto-conceito, que tendiam a ser consistentes com os tradicionais estereótipos sexuais.

Por seu turno, Harter (1985) verificou que os rapazes entre os 8 e os 15 anos se percecionavam sistematicamente como mais competentes na área atlética, do que as raparigas. Em contraste as raparigas viam-se como comportando-se melhor do que estes. Encontrou também alguns resultados que apontavam no sentido de que os rapazes do 6º, 7º e 8º graus, apresentavam valores mais elevados do que as raparigas nas suas auto-percepções sobre a aparência física e a auto-estima global.

Através de uma análise dos diferentes trabalhos, e numa tentativa de interpretação dos seus resultados, Skaalvik e Rankin (1990) consideram que muitas das diferenças encontradas no auto-conceito dos sujeitos do sexo feminino e masculino são resultado dos diferentes instrumentos utilizados.

1.3. *Auto-Conceito e Nível Sócio-Cultural*

Segundo Coopersmith (1981) o índice mais evidente de prestígio e sucesso de um indivíduo é o seu estatuto social. Assim pessoas de um nível sócio-cultural elevado seriam mais valorizadas e vistas como mais bem sucedidas pela sociedade, levando-as a acreditar no seu valor. Apesar de Coopersmith (op. cit.) considerar que esta influência seria sentida de forma diferente por crianças e adultos, já que para as primeiras o estatuto sócio-cultural é mais atribuído do que alcançado, e as suas vivências se dão em

contextos diferentes, partiu para o seu trabalho com a hipótese de que poderiam haver diferenças. Contudo nos seus resultados, estas não foram encontradas de modo estatisticamente significativo.

Outros autores verificaram que as auto-percepções de crianças socialmente desfavorecidas são caracterizadas por baixa auto-estima e auto-depreciações (Ausubel & Ausubel, 1963; Groveto, Fischer & Boudreaux, 1967, cit. Ramos da Silva, 1988) e por auto-percepções menos positivas do que as das crianças socialmente favorecidas (Soares & Soares, 1969, cit. Ramos da Silva, 1988).

2. METODOLOGIA

2.1. *Amostra*

A amostra para este trabalho foi constituída por 586 sujeitos, sendo 313 do sexo feminino e 273 do sexo masculino. Os sujeitos frequentavam 12 escolas do Ensino Básico da região da Grande Lisboa, sendo oriundos de meios sócio-culturais diversificados.

Para a constituição da amostra retiveram-se apenas os sujeitos que não possuíam nenhuma reprovação, e que frequentavam o final do 1º Ciclo ou o início do 2º Ciclo do Ensino Básico (Quadro 1).

2.2. *Instrumento*

Para a recolha de dados foi utilizada a adaptação para a população portuguesa do «Self-Perception Profile for Children» de Susan Harter (L. Mata & F. Peixoto, 1993). Desta escala

FIGURA 1

Item da sub-escala Competência Escolar, do Perfil de Auto-Percepção

SOU TAL E QUAL ASSIM	SOU UM BOCA- DINHO ASSIM	SOU UM BOCA- DINHO ASSIM	SOU TAL E QUAL ASSIM
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	MAS	<input type="checkbox"/>
<p>Alguns acham que são tão <u>inteligentes</u> como outras crianças da sua idade.</p>			<p>Outros <u>não</u> têm a certeza e duvidam que sejam tão inteligentes.</p>

utilizámos o Perfil de Auto-Percepção e a Escala de Importância.

O Perfil de Auto-Percepção é constituído por 36 itens, distribuídos por 6 sub-escalas referentes a 5 domínios específicos (Competência Escolar, Aceitação Social, Competência Atlético, Aparência Física e Aspectos Comportamentais) e à Auto-Estima Global.

A Escala da Importância é constituída por 10 itens referentes aos 5 domínios específicos abordados no Perfil de Auto-Percepção.

Tanto para a Escala da Importância como para o Perfil de Auto-Percepção, cada item descreve dois grupos diferentes de sujeitos sendo pedida a identificação com um dos grupos numa escala de quatro pontos (Figura 1).

2.3. Procedimento

Os dados foram recolhidos entre Março e Abril de 1992, tendo a administração da escala sido efectuada em grupo. As instruções fornecidas foram idênticas em todas as escolas em que a escala foi aplicada, havendo sempre a preocupação de certificação de que todas as crianças compreendiam os objectivos e instruções dadas.

2.4. Análise dos Dados

Os diferentes itens foram cotados de 1 a 4, indicando o score 1 uma baixa competência percebida ou uma baixa importância atribuída e o score 4 uma alta competência percebida ou uma alta importância atribuída. Os dados foram introduzidos em computador e analisados com o programa SPSS/PC+, versão 4.0.

3. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

3.1. Efeitos da Idade no Auto-Conceito

Para estudarmos o efeito da idade na forma como as crianças se auto-percebem procurámos, por um lado verificar se existiam diferenças entre os perfis de auto-percepção das crianças dos 3º, 4º, 5º e 6º anos de escolaridade e por outro lado caracterizar essas diferenças.

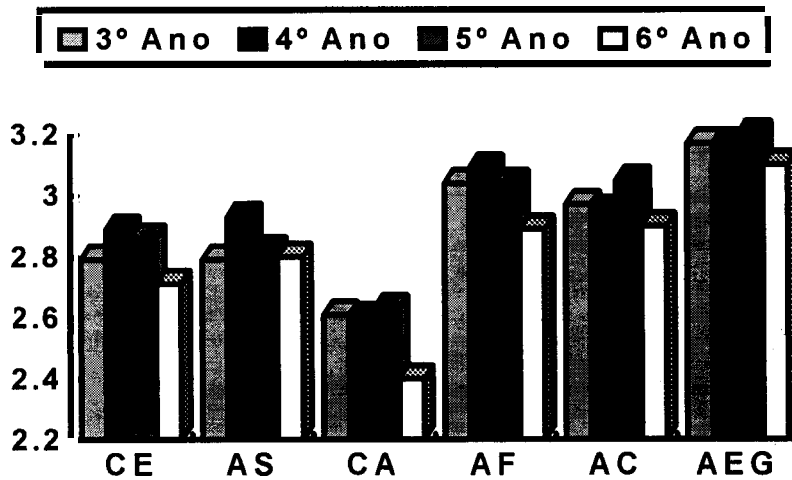
Como podemos verificar pelo Gráfico 1, as auto-percepções das crianças variam nalguns aspectos com a idade. Apesar das diferenças que se verificam nalguns domínios, ao longo da faixa etária considerada, estas são estatisticamente significativas apenas no que diz respeito à Competência Atlético (p<0.002), Aparência Física (p<0.03) e Competência Escolar (p<0.04). Assim, em qualquer destas áreas as crianças mais novas apresentam valores de auto-percepção mais elevados que as mais velhas.

Tendo em conta a importância atribuída a cada um dos domínios (Gráfico 2), podemos verificar um decréscimo, estatisticamente significativo (p<0.001) em todos eles do 3º ao 6º ano de escolaridade.

Realçamos contudo a importância que é atribuída por todas as crianças quer à Competência Escolar quer aos Aspectos Comportamentais, que aparecem sempre como sendo os domínios mais valorizados, qualquer que seja a idade considerada.

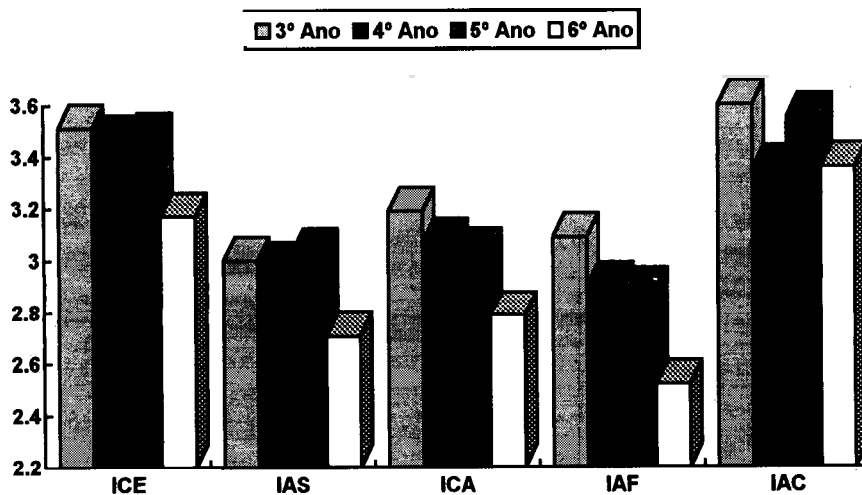
Quanto às relações entre cada um dos domínios e a Auto-Estima Global, podemos verificar pelo Quadro 2, que tendo em conta toda a população, globalmente, é a Aparência Física a

GRÁFICO 1
Variação das auto-percepções com a idade



CE — Competência Escolar; AS — Aceitação Social; CA — Competência Atlética; AF — Aparência Física; AC — Aspectos comportamentais; AEG — Auto-estima global

GRÁFICO 2
Variação da Importância atribuída a cada um dos Domínios com a idade



ICE — Importância da Competência Escolar; IAS — Importância da Aceitação Social; ICA — Importância da Competência Atlética; IAF — Importância da Aparência Física; IAC — Importância dos Aspectos Comportamentais

sub-escala que apresenta maior correlação com a Auto-Estima Global (0.52), seguida dos Aspectos Comportamentais (0.42) e da Competência Escolar (0.40). As sub-escalas que aparecem

menos correlacionadas com a Auto-Estima Global foram a Competência Atlética (0.26) e Aceitação Social (0.36).

Ao considerarmos cada uma das idades isola-

QUADRO 2

Valores das correlações de cada uma das sub-escalas com a Auto-Estima Global

	C.E.	A.S.	C.A.	A.F.	A.C.
A . E . G .	0.40	0.37	0.26	0.52	0.42

CE — Competência Escolar; AS — Aceitação Social; CA — Competência Atlética; AF — Aparência Física; AC — Aspectos comportamentais; AEG — Auto-estima global.

QUADRO 3

Valores das correlações de cada uma das sub-escalas com a Auto-Estima Global, para as diferentes idades

Sub-escalas	3º Ano	4º Ano	5º Ano	6º Ano
Competência Escolar	0.33	0.38	0.50	0.35
Aceitação Social	0.42	0.37	0.35	0.36
Competência Atlética	0.32	0.33	0.21	0.19
Aparência Física	0.59	0.65	0.44	0.47
Aspectos Comportamentais	0.34	0.48	0.45	0.41

damente (Quadro 3) verificamos que a influência da Aparência Física na Auto-Estima Global é evidente para praticamente todas as idades, embora o valor das correlações vá decrescendo à medida que a idade vai aumentando.

Por outro lado podemos também verificar que a influência dominante de uma área começa a atenuar-se, diversificando-se e homogeneizando-se estas influências essencialmente por três áreas, Aparência Física, Aspectos Comportamentais, e Competência Escolar, aparecendo a Aceitação Social também como uma influência a considerar. Em todas as idades o domínio que aparece com menor correlação com a Auto-Estima Global é sempre a Competência Atlética.

3.2. Efeitos do Sexo no Auto-Conceito

A partir da análise do Gráfico 3 pode constatar-se a inexistência de diferenças significativas, no que respeita à auto-estima global, entre os sujeitos do sexo feminino e os sujeitos do sexo

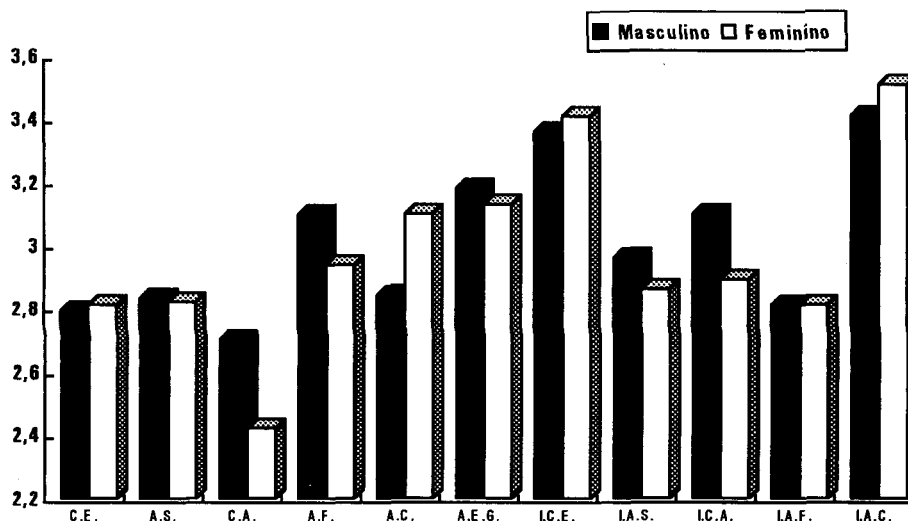
masculino, apresentando ambos, em média, uma auto estima global positiva.

No entanto, podemos verificar, para algumas áreas específicas do auto-conceito, a existência de diferenças significativas entre os dois sexos. Assim, relativamente à Competência Atlética (CA) os rapazes percebem-se como sendo mais competentes do que as raparigas, diferença essa que é estatisticamente significativa ($t=5.27$, significativo para $p \leq 0.0001$). Contudo, e como se pode observar no Gráfico 3, esta é a área em que os sujeitos de ambos os sexos se percebem com um menor grau de competência. Também para a Aparência Física os rapazes apresentam resultados superiores ao das raparigas (3.1 vs. 2.9) sendo essa diferença estatisticamente significativa ($t=2.52$ significativo para $p \leq 0.012$). Inversamente na sub-escala Aspectos Comportamentais os sujeitos do sexo feminino (3.1) obtêm resultados superiores aos sujeitos do sexo masculino (2.8) (diferença significativa para $p \leq 0.0001$; $t=5.13$).

Em suma, relativamente ao perfil de auto-

GRÁFICO 3

Média para cada uma das sub-escalas para o Perfil de Auto-Percepção e Escala de Importância segundo o sexo



CE — Competência Escolar; AS — Aceitação Social; CA — Competência Atlética; AF — Aparência Física; AC — Aspectos Comportamentais; AEG — Auto-Estima Global; ICE — Importância atribuída à Competência Escolar; IAS — Importância atribuída à Aceitação Social; ICA — Importância atribuída à Competência Atlética; IAF — Importância atribuída à Aparência Física; IAC — Importância atribuída aos Aspectos Comportamentais

-percepção verifica-se que os rapazes se consideram mais competentes atleticamente e com melhor aparência física, enquanto que as raparigas se percebem como melhor comportadas. Verifica-se ainda que é a aparência física a área em que os sujeitos do sexo masculino se atribuem resultados mais elevados, enquanto que para os sujeitos do sexo feminino tal sucede para os aspectos comportamentais.

Relativamente à importância atribuída a cada uma das áreas constata-se que as únicas diferenças estatisticamente significativas se situam na importância atribuída à competência atlética ($t=3.44$; significativo para $p \leq 0.001$) e aos aspectos comportamentais ($t=2.08$; significativo para $p \leq 0.04$). Assim, os rapazes atribuem maior importância à competência atlética (3.1 vs. 2.9) comparativamente aos sujeitos do sexo feminino, enquanto que para a importância atribuída aos aspectos comportamentais sucede o inverso (3.5 para as raparigas e 3.4 para os rapazes). No entanto, e como se pode constatar pelo Gráfico 3, a área dos aspectos comporta-

mentais é aquela a que é atribuída maior importância tanto pelos rapazes como pelas raparigas.

A análise das correlações de cada uma das sub-escalas com a auto-estima global (Quadro 4) permite-nos verificar que é a aparência física a área que se encontra mais correlacionada com a auto-estima, tanto para os sujeitos do sexo masculino como para os sujeitos do sexo feminino. Verifica-se ainda que apesar das diferenças relativas encontradas, a partir do Gráfico 3, a contribuição relativa de cada uma das áreas para a auto-estima global é idêntica tanto para os sujeitos do sexo feminino como para os sujeitos do sexo masculino. Com efeito, a segunda área mais correlacionada com a auto-estima global são os aspectos comportamentais, a que se seguem a competência escolar a aceitação social e, por último, a competência atlética. No entanto, o valor relativo da correlação de cada uma das áreas com a auto-estima global apresenta algumas diferenças. Assim, enquanto que para os sujeitos do sexo masculino quatro áreas apresentam valores de correlação bastante pró-

QUADRO 4

Correlações de cada uma das Sub-Escalas com a Auto-Estima Global

SUB-ESCALAS	RAPAZES	RAPARIGAS
Competência Escolar	0.45	0.35
Aceitação Social	0.41	0.32
Competência Atlético	0.24	0.26
Aparência Física	0.57	0.49
Aspectos Comportamentais	0.45	0.44

ximos e superiores a 0.40, para as raparigas isso sucede apenas em duas das áreas (Aparência Física e Aspectos Comportamentais).

3.3. Efeitos do Nível Sócio-Cultural no Auto-Conceito

Para a análise dos efeitos da variável nível sócio-cultural no auto-conceito e na auto-estima retivemos apenas os dois grupos extremos da amostra, considerando como possuindo um estatuto sócio-cultural elevado os sujeitos em que pelo menos um dos pais possuía habilitações literárias de nível superior e como estatuto sócio-cultural baixo os sujeitos cujos pais possuíam, no máximo, a 4.^a classe. A amostra foi assim constituída por 302 sujeitos dos quais 170 eram oriundos de estratos sócio-culturais baixos e 132 provinham de estratos sócio-culturais elevados.

Os resultados mostram (Gráfico 4) que relativamente à auto-estima global os sujeitos de nível sócio-cultural baixo apresentam resultados superiores aos dos sujeitos de nível sócio-cultural elevado para a auto-estima global. No entanto, estas diferenças não são estatisticamente significativas.

Apesar da inexistência de diferenças estatisticamente significativas no que respeita à auto-estima global verifica-se que elas existem na forma como os sujeitos se auto-percepcionam na competência escolar e atlética ($t=2.87$, significativo para $p \leq 0.004$; $t=2.20$, significativo para $p \leq 0.03$). Assim, em ambos os casos os sujeitos oriundos de um estrato sócio-cultural elevado percepcionam-se como sendo mais competentes escolar e atleticamente relativamente aos sujeitos provenientes de estratos sócio-

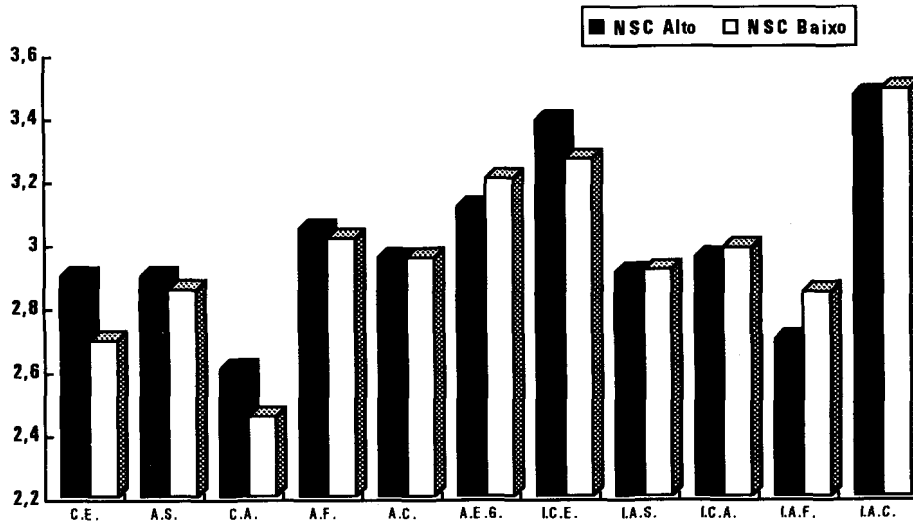
-culturais baixos. Essa diferença é contudo maior no que respeita à percepção da competência escolar e acentua-se se analisarmos as restantes medidas de tendência central. Assim enquanto que a Mediana e a Moda são para o grupo de nível sócio-cultural baixo de, respectivamente, 2.67 e 2.5, para o grupo de nível sócio-cultural elevado são ambas de 3.0. Relativamente à competência atlética as diferenças são bastante menores, com as curvas de distribuição de frequências a apresentarem-se idênticas.

Constata-se ainda que, independentemente do estrato sócio-cultural de origem, a Aparência Física e os Aspectos Comportamentais são as áreas em que os sujeitos se percepcionam como mais competentes. Relativamente à importância atribuída, verifica-se a inexistência de diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos analisados, com ambos a privilegiarem os aspectos comportamentais e a competência escolar.

A análise das correlações de cada uma das sub-escalas do perfil de auto-percepção com a auto-estima global (Quadro 5) permite-nos verificar que é a aparência física a área que se encontra mais correlacionada com a auto-estima global, para ambos os grupos. No entanto, relativamente às outras sub-escalas verifica-se a existência de algumas diferenças na contribuição relativa para a auto-estima global. Assim, verifica-se que para os sujeitos de meio sócio-cultural baixo as áreas Aparência Física e Competência Escolar explicam 65% da variância enquanto que para os sujeitos de origem sócio-cultural elevada são as áreas Aparência Física, Aceitação Social e Aspectos Comportamentais a explicar 71% da variância encontrada.

GRÁFICO 4

Média para cada uma das sub-escalas para o Perfil de Auto-Percepção e Escala de Importância segundo o Nível Sócio-Cultural



CE — Competência Escolar; AS — Aceitação Social; CA — Competência Atlética; AF — Aparência Física; AC — Aspectos Comportamentais; AEG — Auto-Estima Global; ICE — Importância atribuída à Competência Escolar; IAS — Importância atribuída à Aceitação Social; ICA — Importância atribuída à Competência Atlética; IAF — Importância atribuída à Aparência Física; IAC — Importância atribuída aos Aspectos Comportamentais

QUADRO 5

Correlações de cada uma das Sub-Escalas com a Auto-Estima Global para a variável Nível Sócio-Cultural

SUB-ESCALAS	N.S.C. Baixo	N.S.C. Elevado
Competência Escolar	0.49	0.41
Aceitação Social	0.29	0.48
Competência Atlética	0.30	0.20
Aparência Física	0.64	0.54
Aspectos Comportamentais	0.35	0.46

3.4. Análise dos efeitos das interações das variáveis Idade, Sexo e Nível Sócio-Cultural no Auto-Conceito

Para análise dos efeitos das interações das diferentes variáveis e da influência de cada uma delas no auto-conceito e na auto-estima, procedemos a uma análise de variância através do

procedimento ANOVA do «package» estatístico SPSS/PC+, versão 4.0.

Relativamente ao Perfil de Auto-Percepção, os resultados obtidos confirmam, globalmente, os que anteriormente foram apresentados. Assim, para a sub-escala Competência Escolar as diferenças encontradas devem-se fundamentalmente à variável nível sócio-cultural

GRÁFICO 5

Interação entre as variáveis sexo e idade para a sub-escala Aparência Física

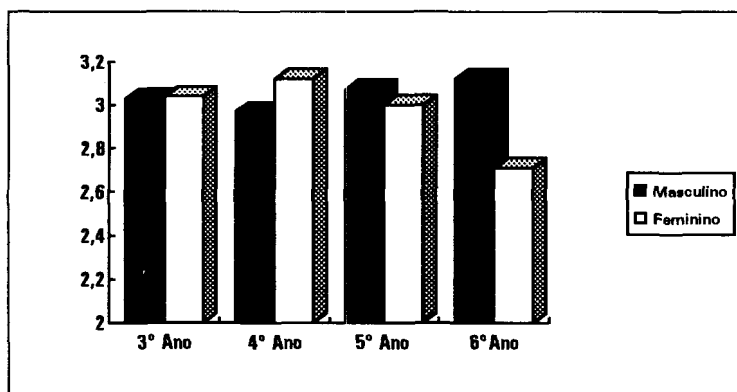
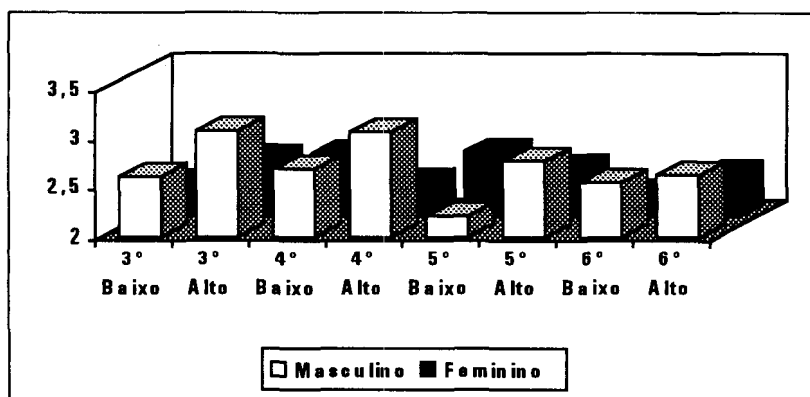


GRÁFICO 6

Interação entre as variáveis sexo nível sócio-cultural e idade para a subescala Competência Atlética



($F=3.991$, significativo para $p \leq 0.02$), não se registrando qualquer efeito de interação, significativo, com as restantes variáveis. Para as sub-escalas Competência Atlética, Aparência Física e Aspectos Comportamentais as diferenças encontradas devem-se fundamentalmente à variável sexo (respectivamente, $F=14.8$, significativo para $p \leq 0.0001$; $F=3.79$, significativo para $p \leq 0.05$ e $F=16.5$; significativo para $p \leq 0.0001$). No entanto, para a sub-escala Aparência Física as diferenças encontradas devem-se, para além da variável sexo, à interação desta com a variável idade ($F=2.8$, significativo para $p \leq 0.04$). A análise do Gráfico 5

permite esclarecer um pouco esta interação, mostrando que enquanto para os sujeitos do sexo masculino há um aumento nos valores da auto-percepção para a Aparência Física, para os sujeitos do sexo feminino verifica-se um fenómeno inverso o que resulta na diferença substancial verificada no 6º ano, a principal responsável para a diferença verificada.

Também no que respeita à sub-escala Competência Atlética se verifica um fenómeno de interação, mas aqui entre as três variáveis consideradas. A análise do Gráfico 6 permite-nos constatar que, à excepção do grupo dos sujeitos do 5º ano oriundos de um nível sócio-

-cultural baixo, em todos os outros os rapazes percebem-se como sendo mais competentes, do ponto de vista atlético do que as raparigas. Por outro lado, verifica-se que os sujeitos do sexo masculino, oriundos de meio sócio-cultural elevado percebem-se sempre como sendo mais competentes nesta área do que os sujeitos de sexo masculino provenientes de um estrato sócio-cultural baixo. Por último, verifica-se que enquanto nos sujeitos de meio sócio-cultural elevado há uma tendência de descida nos valores atribuídos à competência escolar com a idade, tal não se verifica nos sujeitos de meio sócio-cultural baixo em que se registam algumas oscilações nas idades consideradas.

A partir da análise de variância para a escala de importância verifica-se que é a variável idade a principal responsável pelas diferenças encontradas em todas as áreas. No entanto, à excepção da importância atribuída à competência escolar, para todos os outros domínios verifica-se uma interacção entre as três variáveis (idade, sexo e nível sócio-cultural), embora seja a variável idade aquela que explica a maior parte da variância encontrada. Na importância atribuída à competência atlética, para além dos efeitos referidos, constata-se a influência da variável sexo, responsável pela maior parte da variância explicada.

Por último, refira-se que as três variáveis analisadas explicam de 7.9% (Competência Escolar) a 17.5% (Competência Atlética) da variância encontrada para o Perfil de Auto-Percepção e de 18.4% (Importância atribuída à Aceitação Social) a 42.8% (Importância atribuída à Aparência Física) para a Escala de Importância.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados apresentados mostram que as variáveis consideradas não exercem uma influência significativa na auto estima-global, no entanto verificaram-se algumas diferenças em áreas específicas do auto-conceito, para cada uma das variáveis analisadas.

O decréscimo encontrado nos valores das auto-percepções das crianças, à medida que a sua idade aumenta, no que se refere aos domínios da Competência Escolar, Competência Atlética e Aparência Física, vêm em conformi-

dade com alguns resultados encontrados por outros autores. Tal como vimos pelos trabalhos de Harter (1985, 1989) as crianças com a idade vão diversificando e aumentando, não só os modelos de comparação, como os índices considerados, levando a que a sua auto-imagem se torne mais complexa e subtil. Assim parece-nos que se vai tornando cada vez mais difícil manter uma auto-percepção elevada em todos os domínios, o que levar a uma tendência para um decréscimo gradual nalgumas áreas com a idade. Resultados neste sentido foram os encontrados por Brookover (1965, cit. Ramos da Silva, 1988), para a Competência Escolar, tendo este autor avançado como hipótese explicativa a competitividade escolar. Assim quanto mais elevado o grau académico, maior é a exigência feita e mais difícil se torna ser um dos melhores. Como uma das estratégias de auto-avaliação é a comparação com o grupo de pares, uma perda de posição pode levar a uma degradação da imagem.

Quanto ao decréscimo, estatisticamente significativo, das importâncias atribuídas a cada uma das áreas consideradas, à medida que avançam na idade, parece-nos ser um outro elemento resultante da diversificação inerente ao desenvolvimento. Assim parece que diferentes crianças vão investindo em diferentes áreas, deixando de considerar todas igualmente importantes, levando a que haja uma descida nos valores da importância atribuída com a idade. Parece-nos também ter uma certa relevância o facto de em todas as idades, as áreas a que são atribuídas mais importância por parte das crianças, serem a Competência Escolar e os Aspectos Comportamentais, já que são domínios muito valorizados socialmente para esta faixa etária. Tanto pais como professores, as exigências que fazem em relação às crianças são essencialmente no que se refere à participação e resultados escolares assim como aspectos comportamentais. Ora tal como vimos anteriormente, um dos elementos relevantes para a formação do auto-conceito é precisamente resultante das interacções e das opiniões de outros significativos para a criança. Por outro lado grande parte do tempo da criança é ocupado em tarefas de âmbito escolar, havendo muito poucas hipóteses, para nestas idades elas sub-valorizarem os aspectos escolares.

No que diz respeito às correlações existentes entre cada um dos domínios e a Auto-Estima Global, verificamos que os resultados obtidos neste estudo vêm em conformidade com os de Harter (1985, 1989) e Burns (1988) já que apontam também no sentido de que, para a faixa etária considerada, é a Aparência Física o domínio com maior contribuição para os juízos de auto-estima global. Contudo voltamos a realçar o facto desta correlação ir decrescendo à medida que a idade aumenta, surgindo assim outras áreas com uma influência equivalente. Este facto novamente nos parece explicável pelo facto das experiências do sujeito noutras áreas se irem diversificando e complexificando vindo ele a possuir uma auto-percepção muito mais facetada e elaborada por si próprio.

Como vimos, o nível sócio-cultural não introduz diferenças significativas relativamente à auto-estima, o que está de acordo com alguns trabalhos que relacionam auto-conceito e classe social (Coopersmith, 1981; Rosenberg, 1965). Há, no entanto, outros trabalhos que encontram diferenças significativas entre sujeitos de estratos sócio-culturais diferenciados (Ausubel & Ausubel, 1963; Groveto, Fischer & Boudreaux, 1967; cit. Ramos da Silva, 1988; Soares & Soares, 1969). Parece-nos, no entanto, que essas diferenças se ficarão a dever ao tipo de instrumento utilizado para avaliar o auto-conceito cuja concepção difere da do instrumento por nós utilizado. Com efeito, esses estudos utilizam escalas de concepção aditiva, nas quais o auto-conceito (e/ou auto-estima) é calculado a partir da soma das diferentes áreas, pelo que eventuais diferenças encontradas ao nível das diferentes áreas se poderiam repercutir no auto-conceito global.

As diferenças por nós encontradas situam-se, sobretudo, ao nível da auto-percepção da competência escolar e podem-se considerar reflexo da ampliação das diferenças culturais exercida pela escola.

No que diz respeito à influência do sexo no auto-conceito e na auto-estima verifica-se a inexistência de diferenças significativas no que respeita à auto-estima global o que está de acordo com os resultados encontrados por diversos autores (Harter, 1985; Marsh, et. al. 1991; Wylie, 1979, ref. por Marsh, 1989). As diferenças por nós encontradas situam-se em

áreas específicas do auto-conceito, com os sujeitos do sexo masculino a perceberem-se como mais competentes na Competência Atlético e na Aparência Física, enquanto os sujeitos do sexo feminino apresentam resultados superiores para o domínio Aspectos Comportamentais. Estes resultados sugerem que essas diferenças são influenciadas pelos estereótipos sexuais, pois normalmente os rapazes são considerados como melhores atletas e as raparigas como sendo melhor comportadas. É esta, aliás, a hipótese defendida por diversos autores para a explicação das diferenças introduzidas pela variável sexo em determinadas áreas do auto-conceito (Marsh, 1989; Marsh et. al., 1991; Wylie, 1979, ref. por Marsh, 1989).

A interação da variável sexo com a variável idade, relativamente à área Aparência Física, mostra que enquanto os sujeitos mais novo do sexo feminino se atribuem resultado mais elevados esta tendência inverte-se para os sujeitos mais velhos o que está de acordo com os resultados apresentados por Marsh (1989) e que não são explicadas pela hipótese da influência dos estereótipos sexuais. Pode-se, no entanto, avançar como hipótese explicativa as mudanças físicas que ocorrem no início da adolescência e que seriam responsáveis pelo decréscimo verificado. Os resultados apresentados por Marsh (1989) oferecem algum suporte para esta hipótese uma vez que para os rapazes verifica-se um decréscimo idêntico, mas mais tarde do que para as raparigas, e estas por seu turno, posteriormente apresentam um aumento para esta área tal como sucede para os rapazes.

REFERÊNCIAS

- Burns, R.B. (1988). *The Self Concept. Theory, Measurement, Development and Behaviour*. London: Longman.
- Coppersmith, S. (1981). *The Antecedents of Self-esteem*. Palo Alto: Consulting Psychologists Press, Inc.
- Cornell, D., Pelton, G., Bassin, L., Landrum, M., Ramsay, S., Cooley, M., Lynch, K. & Hamrick, E. (1990). Self-Concept and Peer Status Among Gifted Program Youth. *Journal of Educational Psychology*, 3(82): 456-463.
- Harter, S. (1982). The Perceived Competence Scale for Children. *Child Development*, 53: 87-97.

- Harter, S. (1985). *Manual for the Self-Perception Profile for Children*. Denver: University of Denver Press.
- Harter, S. (1989). Causes, Correlates, and the Functional Role of Global Self-Worth: A Life-Span Perspective. In *Perceptions of Competence and Incompetence Across the Life-Span* (J. Kolligian & R. Sternberg, Eds.), New Haven, Yale University Press.
- Hoge, D., Smit, E. & Hanson, S. (1990). School Experiences Predicting Changes in Self-Esteem of Sixth- and Seventh-Grade Students. *Journal of Educational Psychology*, 1(82): 117-127.
- Marsh, H. (1989). Age and Sex Effects in Multiple Dimensions of Self-Concept: Preadolescence to Early Adulthood. *Journal of Educational Psychology*, 3(81): 417-430.
- Marsh, H. (1992). Content Specificity of Relations Between Academic Achievement and Academic Self-Concept. *Journal of Educational Psychology*, 1(84): 35-42.
- Marsh, H. & Gouvenet, P. (1989). Multidimensional Self-Concepts and Perceptions of Control: Construct Validation of Responses by Children. *Journal of Educational Psychology*, 1(81): 57-69.
- Marsh, H., Craven, R. & Debus, R. (1991). Self-Concepts of Young Children 5 to 8 Years of Age: Measurement and Multidimensional Structure. *Journal of Educational Psychology*, 3(83): 377-392.
- Mata, L. & Peixoto, F. (1992). Estudo Exploratório para a Adaptação da Escala de Auto-Conceito de Susan Harter para Crianças em Idade Escolar. *Comunicação apresentada no VII Colóquio de Psicologia e Educação*, Lisboa, ISPA.
- Ramos da Silva, R. (1988). *O Auto-Conceito no Contexto Escolar*. Lisboa: Monografia de Fim de Curso, ISPA.
- Rogers, C. (1982). *A Social Psychology of Schooling*. London: Routledge and Kegan Paul.
- Skaalvik, E. & Rankin, R. (1990). Math, Verbal and General Academic Self-Concept: The Internal/External Frame of Reference Model and Gender Differences in Self-Concept Structure. *Journal of Educational Psychology*, 3(82): 546-554.

RESUMO

O presente trabalho teve por objectivo a análise dos efeitos das variáveis idade, sexo e nível sócio-cultural no auto-conceito e na auto-estima, de sujeitos pré-adolescentes.

A 586 sujeitos a frequentarem o terceiro, quarto, quinto ou sexto ano de escolaridade, foi administrada a escala de auto-conceito de Susan Harter.

Os resultados mostram uma influência da variável idade para todos os domínios considerados e das variáveis sexo e nível sócio-cultural para algumas áreas específicas do auto-conceito.

ABSTRACT

The aim of this work is the analysis of the age, sex and socio-cultural level effect in the self-concept and self-esteem, in pre-adolescence.

The Harter's self-concept scale was administered to 586 subjects in third, fourth, fifth and sixth grade.

The results show the influence of age in every domain considered and the influence of sex and socio-cultural level in some self-concept specific's domains.